



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

GLÁUCIA DANDARA DO NASCIMENTO SANTOS

A ALEGORIA DO RACISMO ESTRUTURAL
EMCLARA DOS ANJOS, DE LIMA BARRETO

João Pessoa - PB
Junho 2022

GLÁUCIA DANDARA DO NASCIMENTO SANTOS

A ALEGORIA DO RACISMO ESTRUTURAL
EMCLARA DOS ANJOS, DE LIMA BARRETO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras –
Língua Portuguesa, da Universidade Federal da
Paraíba — UFPB, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em Letras –
Língua Portuguesa.

Orientador: **Prof. Dr. Expedito Ferraz Junior**

João Pessoa - PB
Junho 2022

Dedico este trabalho a minha avó paterna, Maria, e aos meus avós maternos, Daniel e Dauria (in memoriam), com muito amor e saudade.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente a Deus, que me iluminou, me dando paciência e sabedoria para concluir este trabalho.

Aos meus pais, Maria das Graças e Marcos, que me apoiaram e sempre acreditaram no meu potencial. Certamente, o apoio do meu pai, e o carinho e as orações da minha mãe fizeram toda diferença em minha vida.

Agradeço a minha avó paterna Maria, e aos meus avós maternos, Daniel e Dauria (in memoriam), que me ensinaram na simplicidade o verdadeiro significado do amor, sabedoria e dignidade. Ao meu irmão David, pelos conselhos e por todo incentivo durante esses anos, e aos meus familiares que contribuíram de forma direta ou indireta para a conclusão deste curso.

Agradeço ao meu orientador, Expedito Ferraz Jr, pela paciência e compreensão, me ajudando e contribuindo para execução deste trabalho. Enfim, sou grata a todos que fizeram parte deste ciclo tão importante para mim, familiares, amigos e professores, vocês foram essenciais para minha formação.

Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.
Recomeça.

Cora Coralina

Resumo

Este trabalho visa a analisar a obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, na perspectiva sócio-histórica, vale dizer: partindo do pressuposto de que a estrutura narrativa reproduz o social, ou seja, os personagens representam indivíduos e seus papéis sociais. Para realizar esta análise, utilizamos, basicamente, três aparatos teóricos: as considerações de Antonio Candido sobre as relações entre fatores internos e externos na obra literária (2006), a concepção de alegoria, conforme apresentada por Massaud Moisés (2004), e o conceito de racismo estrutural, tal como desenvolvido por Silvio de Almeida (2019). Nessa perspectiva, consideramos que *Clara dos Anjos* representa a opressão/exploração que a raça negra sofreu nas mãos da hegemonia branca. Na obra em estudo, Lima Barreto denuncia o racismo estrutural e a segregação de classes como algumas das mazelas da sociedade brasileira, evidenciadas a partir da relação entre os seus dois extremos, o dominante e o dominado, a burguesia e as minorias em geral. Para embasar teoricamente esta pesquisa, tomamos como referência, além dos já citados Antonio Candido, Massaud Moisés e Silvio de Almeida, diversos outros autores, como Alfredo Bosi, Flávio Kothe, Beth Brait e Bell Hooks.

Palavras-Chaves: Lima Barreto; Romance; Racismo; Desigualdade social.

Abstract

This work aims to analyze the work *Clara dos Anjos*, by Lima Barreto, in the socio-historical perspective, assuming, therefore, that the narrative structure reproduces the social structure, that is, the characters represent individuals and their social roles. To carry out this analysis, we basically used three theoretical apparatus:

Antonio Candido's considerations about the relationship between internal and external factors in the literary work (2006), the conception of allegory, as presented by Massaud Moisés (2004), and the concept of structural racism, as developed by Silvio de Almeida (2019). In this perspective, we consider that *Clara dos Anjos* represents the oppression/exploitation that the black races suffered at the hands of white hegemony. In the work under study, Lima Barreto denounces structural racism and class segregation as some of the ills of Brazilian society evidenced in the relations between its two extremes, the dominant and the dominated, the bourgeoisie and minorities in general. In order to theoretically support this research, we took as a reference, in addition to the aforementioned Antonio Candido, Massaud Moisés and Silvio de Almeida, several other authors, such as Alfredo Bosi, Flávio Kothe, Beth Brait and Bell Hooks.

Keywords: Lima Barreto; Romance; Racism, Social Inequality.

SUMÁRIO

Introdução	08
1. O Pré-Modernismo	10
1.1 Sobre Lima Barreto	11
2. Enredo de Clara dos Anjos	12
3. Análise: Racismo Estrutural em Clara dos Anjos	18
4. Considerações finais	24
Referências	27

Introdução

Clara dos Anjos é um romance do escritor brasileiro Afonso Henriques de Lima Barreto (Rio de Janeiro, 1881-1922). Publicado postumamente, em 1948, o romance é narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente. Discorre sobre aspectos sociais com viés de denúncia do racismo personificado na imagem da mulher negra, na personagem-título. A vida no subúrbio carioca da Baixada Fluminense, no início do século XX, é o pano de fundo para o enredo.

Filho de um tipógrafo e de uma professora primária, ambos mestiços... Barreto familiarizou-se com a melhor tradição realista e social e foi dos raros intelectuais brasileiros que conheceram, na época, os grandes romancistas russos. Que, de resto, vinham ao encontro da revolta contra as injustiças e os preconceitos de que se sabia vítima. (BOSI, 2021, p.338).

Em *Clara dos Anjos*, como já foi discutido em muitos outros trabalhos sobre o autor, podemos dizer que há elementos autobiográficos, pois a personagem central e várias personagens secundárias sofrem com a desigualdade social, preconceito racial e problemas com álcool e depressão – conflitos estes que atravessaram a vida pessoal do escritor Lima Barreto. Nesta perspectiva social, é importante ressaltar a antecipada discussão sobre racismo estrutural que encontramos neste romance, e para embasar este termo, vamos adentrar no conceito de racismo pela ótica de Sílvio Luiz de Almeida, que, em seu livro *Racismo Estrutural*, distingue três concepções de racismo: a Individualista, a Institucional e a Estrutural.

Segundo Almeida, na concepção Individualista do racismo, há uma relação com a subjetividade e seus processos psicológicos. Percebemos que esta concepção é baseada no indivíduo (comportamentos preconceituosos), e a sociedade não é considerada racista, pois atos racistas são compreendidos como ações individuais ou coletivas e não como algo Institucional. “O racismo, segundo esta concepção, é concebido como uma espécie de patologia ou anormalidade”. (ALMEIDA, 2019, p.25)

Na Concepção Institucional, as instituições moldam o comportamento da sociedade, através dos padrões e regras instituídos, e essa normatização determina o poder e o controle do Estado. Estes comportamentos institucionais geram conflitos que foram construídos

historicamente, a partir das lutas de classes. Sendo assim, “as instituições são racistas porque a sociedade é racista”.

A classe dominante está no poder porque utiliza meios ‘institucionais’ para alcançar seus objetivos. [...] “a principal tese dos que afirmam a existência do racismo institucional é que os conflitos raciais também são parte da instituição”. (ALMEIDA, 2019, p.27)

A terceira dimensão do racismo, conforme esquematizado por Almeida, é a Concepção Estrutural. Para o autor, entender que o racismo é estrutural, (ou seja, é reflexo das relações de poder/interesses políticos, econômicos e sociais) não isenta a problemática individual, atos racistas serão racistas, independente de serem individuais ou coletivos. É necessário que as instituições promovam discussões sobre a desigualdade/racismo presente na sociedade, pois, se não houver essa mudança, os ‘governos, empresas, escolas” continuarão reproduzindo discursos e posicionamentos racistas e sexistas. “A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas” (ALMEIDA, 2019, p.34).

É a representação alegórica dessa última concepção de racismo que pretendemos demonstrar na obra *Clara dos Anjos*. Para tanto, organizaremos este trabalho na seguinte estrutura:

No primeiro capítulo, abordaremos o Pré-Modernismo, movimento literário que trouxe várias influências de outras escolas literárias, como por exemplo o Realismo-Naturalismo. Este movimento teve início em 1902 e terminou em 1922, com a semana de Arte Moderna. Segundo Bosi, 2021, o Pré-modernismo, trouxe em sua historicidade temas que abordam a realidade social e cultural do Brasil.

No segundo Capítulo, será abordado o enredo do romance em estudo, com suas personagens centrais e todos os conflitos vivenciados por Clara dos Anjos.

No terceiro capítulo, faremos uma análise, a partir do conceito de *alegoria*, associado ao pensamento teórico de Antonio Candido, que nos adverte sobre a importância do externo tornar-se interno dentro na estrutura narrativa, pois os elementos da estrutura reproduzem o seu contexto sócio-histórico. Ou seja, toda a opressão, silenciamento, racismo, historicamente vivenciados pela raça negra foi internalizado a partir do enredo da sedução e abandono da protagonista, numa relação entre os dois extremos sociais: o dominado e o dominador.

Como fundamentação teórica, utilizaremos, entre outras, as seguintes referências: Candido, 2006; Bosi, 1967; Bosi, 2021; Kothe, 2000; Brait, 1985; Bell Hooks, 2020; Viana, 2021; Hollanda, 2019; Skidmore, 1976, e Almeida, 2019.

1. O Pré-Modernismo:

A República Velha, que ocorreu entre 1894-1930, foi um regime político com interesses econômicos entre São Paulo e Minas Gerais, grandes produtores de café e leite, esse acordo foi selado para manter o poder nas mãos destas oligarquias. “O quadro geral da sociedade brasileira dos fins do século vai-se transformando graças aos processos de urbanização e à vinda de imigrantes europeus em levadas cada vez maior para o centro-sul. Paralelamente, deslocam-se ou marginalizam-se os antigos escravos em vastas áreas do país”. (BOSI, 2021, p. 324). Neste cenário de grandes mudanças na urbanização, conflitos ideológicos entre o tradicionalismo já conhecido e a inovação da era urbana, surge o Pré-Modernismo, um conceito pré-estabelecido, que se estabeleceu através das problemáticas situações sociais vivenciadas por um Brasil desigual.

“O termo Pré-Modernismo foi criado por Tristão de Ataíde para designar o período cultural brasileiro que vai do princípio deste século à Semana de Arte Moderna”. (BOSI, 1967, p.11) Segundo Bosi, podemos dar dois sentidos ao termo Pré-Modernismo, ao prefixo “pré” um sentido histórico de antecedência, de algo transitório e evolutivo, e ao mesmo tempo uma ideia de “precedência” de uma estética que estava surgindo.

O Pré-Modernismo, podemos dizer, foi o resultado da junção de vários movimentos literários, pois neles encontramos características do parnasianismo/simbolismo e outros. Entretanto, a linguagem culta/arcaica que fez parte das obras literárias durante muitas décadas, já não era característica predominante. A linguagem mais utilizada era a coloquial, com termos mais simples e populares. A preocupação era escrever criticamente sobre a realidade do Brasil e as minorias marginalizadas. Os termos como “nacionalismo” e “regionalismo”, eram facilmente encontrados, o primeiro trazia temas polêmicos, conflitos que levavam a sociedade a refletir e repensar seu lugar no mundo, e o segundo trazia a geografia, introduzindo o subúrbio nos grandes clássicos da literatura brasileira.

Autores como Euclides da Cunha, Graça Aranha, Monteiro Lobato, Lima Barreto, trouxeram uma literatura inovadora para o Brasil, uma forma de pensar e escrever a realidade brasileira, com críticas sociais, ironias, que desvelam o Brasil e sua historicidade. O escritor Lima Barreto denunciava, em suas obras, a desigualdade social, trazendo à tona problemas e

frustrações que muitas vezes iam ao encontro de sua vida pessoal. Lima Barreto era negro, alcoólatra e depressivo, e muitos de seus personagens traziam essas peculiaridades da sua vida pessoal.

1.1 Sobre Lima Barreto

A biografia de Alfonso Henriques Lima Barreto (46) explica o húmus ideológico de sua obra: a origem humilde, a cor, a vida penosa de jornalista pobre e de pobre amanuense, aliadas à viva consciência da própria situação social, motivaram aquele seu socialismo maximalista, tão emotivo em suas raízes quanto penetrante em suas análises. (BOSI, 1967, p.93)

Segundo Bosi, Lima Barreto era conservador. Devido as suas raízes suburbanas de “pequena classe média”, sua “ideologia”, opiniões por vezes eram consideradas divergentes. Criticava a modernização das grandes cidades e o crescente empoderamento das mulheres, e não era favorável as respectivas transformações que ocorreram a partir da República Velha. “Conforme Barreto: Uma tolice que foi a tal república. No fundo, o que se deu 15 de novembro foi a queda do partido liberal e a subida do conservador, sobretudo da parte mais retrógrada dele, os escravocratas de quatro costados” (48). (BOSI, 1967, p.94)

Lima Barreto retratou subúrbio com riquezas de detalhes e, com sua forma única de escrever, podemos dizer jocosa e irônica, colocou a classe marginalizada nos holofotes da sociedade, refletindo sobre os problemas que antes não se falava. No romance Clara dos Anjos, a personagem central, chamada “Clara”, ironicamente é uma mulher negra. Através dessa personagem, Lima Barreto denunciou a hipocrisia da sociedade brasileira, desvelando as mazelas de um Brasil preconceituoso, desigual, politicamente e socialmente decadente.

Ainda conforme nos explica Alfredo Bosi,

A proximidade da composição e do tema está a definir a urgência de expressão autobiográfica em que penava o jovem Lima Barreto. As humilhações do mulato, encarna-as Clara dos Anjos, moça pobre do subúrbio, seduzida e desprezada por um rapaz da extração burguesa (BOSI, 1967, p.101).

Percebemos essa proximidade autobiográfica na personagem do poeta Leonardo Flores. Na narrativa, Flores teve seus momentos de glória, mas não teve ascensão na carreira, sentia-se fracassado, justamente por não ter o reconhecimento merecido. Também era alcoólatra, tinha poucos amigos e tendências esquizofrênicas.

Barreto era pouco reconhecido em seu tempo, sofria preconceito por sua cor e classe social, e passou seus últimos dias depressivo e solitário. O escritor que sempre levantou a bandeira denunciando problemas sociais, infelizmente, não conseguiu resolver seus monstros internos e morreu em sua casa, aos quarenta e três anos de idade.

Como afirma a personagem Flores: “A arte só ama a quem a ama inteiramente, só e unicamente, e eu precisava amá-la, não só a minha redenção, mas toda a dos meus irmãos, na dor”. (BARRETO, 2011, p.97)

2. Enredo de Clara dos Anjos

A narrativa inicia-se falando sobre Joaquim dos Anjos e o seu dom e amor pela música. O flautista foi para o Rio de Janeiro e trabalhou como carteiro. Depois da morte de sua mãe, casou-se, e com o dinheiro da herança comprou uma casa simples. Neste ponto, o narrador onisciente discorre sobre o subúrbio: descreve como eram as casas, os barracões; denuncia a desigualdade social, a pobreza e o descaso do governo perante as dificuldades socioeconômicas.

Subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes deem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos. (BARRETO, 2011, p. 83)

Descreve, assim, como eram o espaço físico e o ambiente social em que vivia Joaquim dos Anjos, mencionando também as chácaras, onde viviam “os bíblias”, nome popular dado aos missionários protestantes – lugar este considerado superior intelectualmente, por não ser frequentado por prostitutas.

Joaquim tinha fé, mas não era religioso. Ao contrário da esposa Dona Engrácia, batizou Clara na Igreja Católica Apostólica Romana, Clara era muito amada e criada com muito zelo pelos pais, ela gostava de sair aos domingos para jogar “solo” cartas.

Os companheiros habituais do solo com Joaquim eram quase sempre estes dois. O senhor Antônio da Silva Marramaque, seu compadre, era padrinho da sua filha única, e o senhor Eduardo Lafões.

Cassi Jones de Azevedo era filho legítimo de Manuel Borges e Salustiana Baeta de Azevedo. (BARRETO, 2011, p.28)

Cassi Jones era um sedutor barato. Seduzia e enganava as moças da cidade, de todas as classes e raças, vivia se metendo em confusão, e frequentemente comparecia a delegacia por causa dos seus atos libidinosos. Dona Salustiana, mãe de Cassi, não aceitava a possibilidade do filho se casar com uma mulher negra, pobre ou analfabeta. Ela tinha, além de Cassi, duas filhas: Catarina e Irene. As duas não eram vaidosas, porém muito ambiciosas, em se tratando de casamento. Elas tinham vergonha de Cassi por seus modos imorais e por sua falta de educação.

Uma das vítimas de Cassi foi Nair, amiga de suas irmãs. Ela tinha 18 anos, era alegre e tinha cabelos pretos. Em uma das suas cartas, Cassi disse: “Enfim que eu devo fazer se você não quer ser inteiramente minha como eu sou teu”. (BARRETO, 2011, p.34) Inocente, Nair se deixou cair nas armadilhas de Cassi, e conseqüentemente engravidou. A mãe de Nair suicidou-se de desgosto por ver sua filha naquela situação, com a reputação ferida. O pai de Cassi furioso com a repercussão do caso, que parou nos jornais, e logo tomou uma decisão: disse que não o queria mais em sua casa. Sua mãe, então, o enviou para casa de seu tio, em uma fazenda. Algum tempo depois, seu tio também não quis mais tê-lo em sua residência, e ele voltou para casa dos pais morando nos fundos, local reservado onde não encontrava o pai.

“Galos de briga eram a força de suas indústrias e do seu comércio equívocos” (BARRETO, 2011, p. 35). Através desse comércio, ele encontrava meios para suprir suas necessidades, roupas, e presentear seus conhecidos que porventura poderiam ser úteis no futuro. Cassi não gostava de estudos, fazia pequenos furtos desde muito novo, fumava e não tinha bons hábitos.

a mórbida ternura da mãe para ele, e que não eram estranhas as suas vaidades pessoais, junto a indiferença desdenhosa do pai, com o tempo, fizeram de Cassi o tipo mais completo de vagabundo doméstico que se pode imaginar. É um tipo bem brasileiro. (BARRETO, 2011, p.35)

Com a iniciativa do pai, Cassi iniciou a carreira como tipógrafo, porém no mês seguinte foi demitido, por atitudes desonestas. “A fascinação pelo dinheiro e sua absorção nele eram seu foco. Queria-o, mas sem trabalho e para ele só”. (BARRETO, 2011, p.4)

Outro personagem a se destacar é Marramaque, amigo íntimo do Senhor Joaquim dos Anjos, trabalhava no Armazém da cidade do Rio de Janeiro. Nesse armazém tinha um pouco de tudo: roupas, ferragens, armas... Motivado por livros de Casimiro, Marramaque decide se dedicar, e estudar para também futuramente fazer versos. Marramaque foi estudar no Rio de Janeiro e trabalhar em farmácia, através do Mendonça. “Tendo vivido assim, em vários e

diferentes meios, ganhando experiências e conhecimento dos homens e das coisas da vida, estava apto para julgar bem quem era Cassi Jones”. (BARRETO, 2011, p.46)

Próximo ao subúrbio onde morava Cassi, residia um casal: uma negra sulista, bonita, alta, e o marido, que era oficial da Marinha. Apesar da diferença de idade e de personalidade, eles aparentemente se respeitavam. Cassi se aproximou da gaúcha e conseguiu conquistá-la. O marido flagrou a traição e disparou contra a mulher, que não resistiu, Cassi conseguiu fugir. Porém, ele foi preso, e foi lá que conheceu Lafões, a quem Cassi prometeu soltar. De fato, ele foi solto, porém não por intervenção de Cassi, embora Lafões acreditava que fosse obra dele, e por isso lhe era grato. Marramaque contou para Lafões sobre a péssima fama de Cassi, mas ele não acreditou. “Lafões era homem simplório, que só tinha agudeza de sentidos para dinheiro que vencia”... (BARRETO, 2011, p. 48)

Sobre Clara:

Habituada às musicatas do pai e das amigas, crescera cheias de vapores de modinhas e esfumagara a sua pequena alma de rapariga pobre e de cor com dengues e o simplório sentimentalismo amor dos descantes e cantarolas populares. (BARRETO, 2011, p.49)

Sobre Dona Engrácia e sua relação com Clara:

O seu amor à Clara era um sentimento doentio, absorvente e mudo. Queria a filha sempre junto a si, mas quase não conversava com ela, não elucidava sobre as coisas da vida, sobre os seus deveres de mulher e de moça. A não ser no caso de Cassi, que seu instinto de mãe falara mais alto do que a sua inércia natural... (BARRETO, 2011, p.102)

Clara era uma moça recatada, vivia em casa, e quando saía era na companhia de Dona Margarida. Ela foi bem educada, porém não conhecia as maldades do mundo, não conhecia o amor e nem a desilusão, sua mãe a oprimia e reprimia seus sentimentos. Certo dia, em uma festa em sua casa, no dia do seu aniversário, conheceu Cassi, um violeiro sedutor e maquiavélico. Ela ficou encantada com suas canções, e com o seu jeito galanteador. “Apresentado, por Lafões, aos donos da casa, e à filha, ninguém lhe notou o olhar guloso de grosseiro sibarita sexual que deitou sobre os seios empinados de Clara”. (BARRETO, 2011, p.54)

Marramaque passou a noite com os olhos fixados em Cassi, pois sabia ou suspeitava que ele estava interessado em Clara. Depois que Cassi foi embora, o baile ainda continuou, e no final do baile Clara foi para o quarto e escutou seus pais conversando. A mãe dizia que não

queria Cassi mais em sua Casa, pois não gostou do seu jeito indecente de cantar, e o pai concordou, Clara ouviu, e se pôs a chorar copiosamente.

“Quem conhecesse intimamente Engrácia, havia de ficar espantado com atitude decisiva que tomou em relação à visita de Cassi. O seu temperamento era completamente inerte, passivo”. (BARRETO, 2011, p.60)

Certo dia, Cassi bateu na porta dos pais de Clara, que aparentemente não gostaram da visita, o que deixou Clara triste e desapontada, pois ela não conseguia enxergar nele um olhar mau, só via “delicadeza e modéstia”. “Uma dúvida lhe veio; ele era branco, ela mulata. Mas que tinha isso? Havia tantos casos... Lembra-se de alguns... E ela estava tão convencida de haver uma paixão sincera”. (BARRETO, 2011, p.63)

No segundo encontro na casa do seu Joaquim, Cassi não foi bem recebido, o encontro foi marcado por muita indiferença. Cassi não media esforços para alcançar seus objetivos na conquista, e quando encontrava obstáculos, tratava de resolver da pior forma: com violência. Ele era irônico, sedutor barato, para conquistar seus alvos, usava de sábias palavras, segundo ele “não se pode contrariar dois corações que se amam com sincera paixão”. (BARRETO 2011, p.71). Cassi foi em busca de quem estava sendo o empecilho para sua conquista: pegou um bonde e foi atrás de Lafões, no Engenho de Dentro, e disse-lhe que percebeu que, na festa, o Marramaque ficou intimidando-o, e que ele acreditava que o padrinho de Clara não tinha boa opinião sobre ele. Lafões disse que talvez fosse porque ele também já fora ou ainda era poeta, por isso essa desconfiança. Cassi, não era um homem amoroso, não sentia remorso, era frio em suas atitudes e maneiras de pensar.

A atração por uma qualquer mulher não lhe desdobrava em sentimentos outros, às vezes contraditórios, em sonhos, em anseios e depressões desta ou daquela natureza o seu sentimento ficava reduzido ao mais simples elemento do Amor – a posse. (BARRETO, 2011, p.74,75)

Cassi usava a vítima ao seu bel-prazer e, quando não lhe interessava mais, a descartava, como quem descarta um objeto. Ele não lia jornais, apenas fragmentos, lia versos líricos, era pouco instruído, porém muito perspicaz. Ele nunca sentiu essas emoções e sentimentos por ninguém, via suas conquistas apenas como um objetivo: satisfazer seus desejos mais infames, e usava seu charme, seu violão e seus versos poéticos como armas de sedução. Se ele percebesse que a moça não cedia seus galanteios, ele buscava outra vítima. “Se percebia que tinha obtido algum sucesso, esforçava-se em reiterar os encontros nos cinemas, nos bondes, nas estações, e na ocasião propícia, pespegava-lhe a carta final”. (BARRETO, 2011, p.75)

Quando Cassi chegou em casa, estavam seus pais e seu tio Augusto conversando. Seu pai, o Senhor Manoel de Azevedo, disse que não aceitava as diversas façanhas e ações do seu filho, Augusto refletia: seriam calúnias? O Senhor Manoel falou que havia recebido cartas relatando diversas ocorrências envolvendo Cassi. Este percebeu que estavam falando dele, e sobre suas ações passadas, ficou assustado e já planejava fugir – já planejava vender seus galos de briga, tinham dado quinhentos mil-réis –, mas antes precisava resolver um assunto chamado “Clara”.

Cassi pediu a seu amigo Arnaldo para ele ir à venda do Seu Nascimento à procura de Meneses, e buscar informações que encontrasse por lá, ouvindo as conversas alheias, principalmente do Marramaque. Arnaldo encontrou Cassi e contou sobre o que ouvira, e que as cartas sobre seu passado sombrio, Marramaque recebeu e já repassou para Joaquim, seu Compadre. Jones queria saber sobre os sentimentos de Clara por ele, porém ele sabia que não seria fácil a aproximação, devido a sua má fama, agora documentada no caderno.

Sobre Cassi: “Até ali, ele contava com a benevolência secreta de juízes e delegados, que, no íntimo, julgavam absurdo o casamento dele com suas vítimas, devido à diferença de educação, de nascimento, de cor, de instrução”. (BARRETO, 2011, p.84,85)

Cassi percebeu que estava só, sem proteção, antes tinha seus pais e tio, que o ajudavam a tirar-lhe dessas situações, mas agora apenas o capitão Barcelos, em quem ele não nutria tanta confiança. O menestrel suburbano disse a Cassi que o Dr. Meneses, estava frequentando a casa do senhor Joaquim.

[Cassi Jones] encaminhou toda a sua esperança de entender-se diretamente com Clara, por intermédio de Meneses. Ele sabia-o velho, alquebrado, necessitado, viciado na bebida, sem dinheiro – seria fácil vencer as suas repugnâncias. Pela primeira vez, pensou o modinheiro, tinha que gastar algum... (BARRETO, 2011, p.86)

Logo em seguida, Cassi se encontrou com Dr. Meneses, e pediu que ele conseguisse alguns versos com o poeta Flores. Ele lhe daria em troca, dez mil-réis, cinco para ele e cinco para o poeta. Meneses aceitou.

Joaquim foi até a venda do seu Nascimento e, conversando, perguntou-lhe quem foi o responsável por espalhar o caderno com as denúncias sobre Cassi. “- É um oficial do Exército, homem preparado, parece que o engenheiro, cuja mulher atual é aquela moça que Cassi desonrou, e a mãe matou-se por isso, há cinco anos... (BARRETO, 2011, p.103)

Quando Joaquim chegou em casa, Engrácia falou que Clara estava doente com dor de dente, Joaquim resolveu chamar Meneses, Cassi logo ficou sabendo das várias visitas do Dr. Meneses a casa de Clara. Cassi se encontrou com Meneses que logo lhe contou sobre versos encomendados. Meneses disse que Flores ficou aborrecido, pois esse tipo de trabalho ele não fazia, ele não vendia sua arte. Meneses contou que fez os versos, embora não fosse poeta.

A minha Querida pena
Nas grades de uma prisão,
Mas o amor lhe ordena
Sossego no coração. (BARRETO, 2011, p.107)

Meneses levava uma vida incerta, nunca se dedicou a um ofício, vivendo na limitação. Já velho e doente, sem muitas opções de trabalho, aceitava as situações humilhantes para ter o mínimo em casa. Cassi entregou a carta a Meneses, que em seguida entregou a Clara. “Assim, durante um mês e tanto, ele foi o intermediário da correspondência dos dois”. (BARRETO, 2011, p.110)

Os dois se encontravam a noite, em frente a casa de Clara, sem seus pais desconfiarem, certo dia Cassi a convenceu a entrar no seu quarto, e ela se entregou completamente, a ilusão, e ao desconhecido. Cassi lhe fez juras de amor, promessas de casamento, e Clara inocentemente acreditou nas mentiras do malandro carioca. Devido às muitas denúncias divulgadas através de um caderno documentado e espalhados pelo subúrbio do RJ, Cassi se viu correndo riscos, então resolveu fugir para São Paulo, e deixou mais uma vítima, uma mulher negra, marginalizada, refém de uma sociedade preconceituosa.

Tempos depois, Clara já não tinha mais esperança da volta de Cassi, estava ela grávida, sozinha, sem perspectiva, o haveria de fazer? O que uma mulher à margem da sociedade, perdida e desonrada faria nessa situação? E logo pensou em tirar a criança, então resolveu procurar Margarida, com o pretexto de pedir dinheiro emprestado para comprar um presente para sua mãe. A alemã não acreditou, ficou desconfiada, Clara não resistiu e confessou. Margarida, uma mulher muito séria, convenceu Clara a contar tudo aos seus pais. Clara contou para sua mãe, que tomou a decisão de ir até a casa de Cassi. Chegando lá, foi recepcionada por Salustiana. Quando elas falaram do ocorrido, a mãe de Cassi a culpou e disse que ele não a violentou, se aconteceu foi permissão dela, e jamais aceitaria que o seu filho se casasse com uma negra e pobre. Depois de tantas humilhações, Clara foi embora entendendo a sua real situação e lugar diante a sociedade: o de uma mulher negra, sem dotes, e agora desonrada.

“Num dado momento, Clara ergue-se da cadeira em que sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero:

- Mamãe! Mamãe!

- Que é minha filha?

- Nós não somos nada nesta vida.” (BARRETO, 2011, p.146)

3. Análise: Racismo Estrutural em Clara dos Anjos

A narrativa de *Clara dos Anjos* traz como personagem principal uma moça de 17 anos, negra e pobre, sujeita às raízes escravocratas de uma sociedade em que a escravidão fora recém-abolida. “Segundo Forster, as personagens, flagradas no sistema que é a obra, podem ser classificadas em planas e redondas. As personagens planas são construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade” (BRAIT, 1985, p. 40). Podemos considerar Clara uma personagem plana, pois suas características são lineares, sem muitas nuances, ou surpresas. É uma moça de classe social baixa, que mora no subúrbio do Rio de Janeiro, em meados do século XX, tão submersa em seu mundo particular que não enxergava o preconceito racial que sofria. Clara tinha um pensamento limitado. Devido a sua criação e educação, ela não via maldade, não conseguia enxergar além, analisar os riscos, agir de maneira racional. Era uma moça inexperiente em todos os sentidos, que se encantou por Cassi Jones, vale dizer, pela sedução e pelo desconhecido: a sonoridade das músicas, versos e gestos, a paixão, e a vaidade.

Essa reclusão e, mais do que isso, a constante vigilância de sua mãe seguia os seus passos, longe de fazê-la fugir aos perigos a que estava exposta a sua honestidade de donzela, já pela sua condição, já pela sua cor, fustigava-lhe a curiosidade em descobrir a razão do seu procedimento de sua mãe. (BARRETO, 2011, p. 61).

Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la

caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por seestrosos cantores, como o tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. O mundo se lhe representava como povoado de suas dúvidas, de queixumes de viola, a suspirar amor. (BARRETO, 2011, p.100)

Para Antonio Candido, o que traz vivacidade ao enredo é a personagem entrar intimamente nele, dando-lhe projeção realista e tornando a ideia central humana e social, é de certa forma paradoxal, como algo fictício pode ser real e humano? A protagonista de *Clara dos Anjos* sintetiza esse paradoxo, conforme analisaremos. Clara foi seduzida e enganada por Cassi Jones, um homem branco de classe média, nos traz uma reflexão acerca de um parâmetro entre o dominante e o dominado, o aceitável e o abominável. Segundo Flávio Kothe,

O “alto” e o “baixo” da sociedade se operacionalizam e se entrecruzam de vários modos na literatura. Tendem a ecoar a natureza fazendo aparecer com elevado e nos mostrando o baixo como inferior, mas isto corresponde à própria possibilidade de a classe dominante dominar ideologicamente a sociedade. (KOTHE, 2000, p.6)

Podemos analisar este trecho, comparando-o com a trajetória dessa personagem de Lima Barreto. Ideologicamente oprimida pela sociedade, psicologicamente oprimida pela criação e educação dos pais, ela tinha poucos amigos, era inocente, podendo ser facilmente iludida pelas armadilhas de um sedutor, que representa um estrato social dominante, liderado por homens brancos, de classe média alta. Já a raça negra, ali representada pela protagonista, era vista como marginalizada, inferior e degradante.

A partir dos ensinamentos de Antonio Candido, sabemos que, na leitura de uma obra literária, os dados externos (no caso, os sociais) importam, não como causa, nem como significado, mas como elementos que desempenham um certo papel na constituição da estrutura. (CANDIDO, 2006, p.4) Candido discorre sobre a importância de o externo se tornar interno em uma narrativa, pois os fatores sociais, quando representados no texto literário, têm uma relevância que vai além do plano do enredo e das personagens. Nosso pressuposto é que, Em *Clara dos Anjos*, os conflitos vividos pela protagonista constituem uma alegoria de relações sociais historicamente determinadas. Para demonstrar essa alternativa de leitura, consideramos, inicialmente, o conceito de alegoria, tal como proposto por Massaud Moisés:

Conforme Moisés, “a alegoria constitui, por conseguinte, uma espécie de discurso inicialmente apresentado com um sentido próprio e que apenas serve de comparação para torna inteligível um outro sentido que não é expreso”. (MOISÉS, 1974, p.14). Em nossa

análise, utilizaremos esse sentido metafórico das ideias e fatos, o racismo presente em *Clara dos Anjos*, é a representação de uma sociedade historicamente marcada pela dinâmica da exploração de seus estratos oprimidos.

Bell Hooks em seu livro *E eu não sou uma mulher* (2020) expõe a relação entre a hegemonia branca sobre a raça negra, referindo-se a opressões políticas e sociais que ainda fazem parte da nossa realidade, além de registrar o descaso e a violência contra os negros que tomaram outras proporções e significados após a Abolição.

Para a autora, “(..) a exploração sexual das mulheres continuou por muito tempo depois do fim do período da escravidão e foi institucionalizado por outras práticas opressivas” (HOOKS, 2020, p.103), como a ausência de leis que as protegessem da violência social ou deslegitimação, em tribunais e delegacias, das acusações feitas por mulheres negras contra homens brancos. (VIANA, 2021, p. 3)

Em *Clara dos Anjos*, percebemos essas práticas opressivas, em que a classe dominante usa o seu poder político e social para dominar a classe inferior, materializadas na personagem Cassi Jones, que engana mulheres, engravidando-as e depois fugindo, abandonando-as à própria sorte. Cassi tinha a seu favor sua cor, sua classe social e amigos que o ajudam a permanecer impune. Os delegados achavam inadmissível um homem branco casar-se com uma mulher negra e pobre, e sendo assim, por ser branco e de família de classe média, ele conseguia escapar da prisão, e temos nessa passagem um ponto importante quanto à demonstração de poder do patriarcado. Clara é um fragmento que representa o quadro social do século XIX e XX, pois sua personagem representa o óbvio da exploração das mulheres negras, denunciando o racismo, a solidão da mulher negra que atravessa séculos sendo subjugada, humilhada e objetificada por seus senhores, que servia para cama, mas não servia para constituir família, pois eram consideradas raça inferior pela supremacia branca. “Os estupros e assédios sofridos pelas mulheres negras expõem uma violência que era em si uma demonstração política de poder e dominação, que impunham às mulheres negras o lugar de subserviência, num método de terrorismo institucionalizado”. (VIANA, 2021, p.3).

Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que

vão desde os feitores, capitães de mato, capangas etc. (HOLLANDA, 2019, p.17)

Cassi morava em local considerado mais bem frequentado, Clara morava no subúrbio do Rio de Janeiro, lugar considerado sujo, sem saneamento, onde moravam em sua grande maioria, pretos e pobres. Cassi fazia promessas e declarações a Clara com o objetivo de tê-la submissa aos seus desejos e vontades. Ele a hipnotizava com seus discursos e cartas apaixonadas. Nesse contexto, fazendo um contraponto com a desigualdade social que existia entre ambos, percebemos que essa submissão foi o meio utilizado, desde a escravidão até os dias atuais, pelo grupo dominante para coagir e manipular, através da opressão, ocasionando, medo e angústia, com o objetivo de conquistar os seus interesses políticos.

Historicamente, a caracterização das mulheres europeias brancas como sexualmente passivas e física e intelectualmente frágeis as colocou em oposição às mulheres colonizada, não brancas inclusive as mulheres escravizadas, que, ao contrário, foram caracterizadas longo de uma vasta, gama de perversão e agressão sexuais e, também consideradas suficientemente fortes para aguentar qualquer tipo de trabalho. (HOLLANDA, 2020, p.29)

Ao longo dos séculos foi construído a imagem da mulher negra forte, erotizada, alvo fácil para satisfazer prazeres da carne, essa agressão encontramos na personagem Inês. Primeira vítima de Cassi, Inês era uma “crioula” que a mãe dele, Margarida, havia criado. Ele se aproveitou de sua fragilidade e a desonrou: teve relações sexuais com Inês e a engravidou. Sua mãe quando descobriu a expulsou de casa, deixando-a grávida de seu neto e sem estrutura para criá-lo. Fruto de uma sociedade desigual seu filho tornou-se marginal, e com apenas dez anos já se fazia presente na delegacia por realizar pequenos furtos na região. Sobre Inês, “[...] negra suja, carapinha desgrehada, com um caco de pente atravessado no alto da cabeça, calçando umas remendadas chinelas de tapete” (BARRETO, 2011, p.127), o narrador de Lima Barreto a descreve como a mulher frágil (apesar de historicamente ser vista como forte, aquela que tudo suporta), excluída e rejeitada da sociedade patriarcal, mãe solteira, preta e pobre no início do século XX. Infelizmente, esse era o destino das mulheres marginalizadas e esquecidas pela burguesia.

No livro *Racismo estrutural*, Almeida discorre sobre alguns pontos importantes para essa contextualização. No século XIX surgiu o positivismo, trazendo reflexões sobre as relações/transformações da humanidade, com o aporte da ciência e suas respectivas contribuições.

A biologia e a física serviram como modelos explicativos da diversidade humana: nasce a ideia de que características biológicas – determinismo biológico – ou condições climáticas e/ou ambientais – determinismo geográfico – seriam capazes de explicar as diferenças morais, psicológicas e intelectuais entre as diferentes raças. (ALMEIDA, 2019, p. 21- 22)

Segundo Almeida, nesses estudos, a cor da pele era o fator determinante do caráter e comportamentos perante a sociedade, e a mulher negra era considerada incapaz de pensar, agir de forma racional, suas ações eram vistas como agressivas, e hipersexualizadas. Em *Clara dos Anjos*, Inês é a personificação da opressão e agressão à mulher negra. Ela que teve seus direitos negados, vivia em condições miseráveis, era alcoólatra e sem perspectiva de vida. Sua vivência e o estereótipo que ela encarna retratam bem a realidade da população negra e pobre do século XX. “E a pobre negra abaixou-se para apanhar a barra da saia empanada, a fim de enxugar as lágrimas com que chorava seu triste destino” (BARRETO, 2011, p.128).

Clara, a personagem central do enredo, como foi dito, tinha uma vida simples rodeada dos cuidados dos seus pais e do seu padrinho Marramaque. Ele tinha limitações no corpo, mas era um homem íntegro que não via limites em ajudar o próximo. Protegia Clara como se fosse sua filha, e temia por sua reputação. Refletia: qual a possibilidade de uma moça da classe social da Clara casar e formar família com um homem branco, classe média? Marramaque, podemos metaforicamente dizer; simboliza a justiça, a moral, a ética. Já Clara simboliza a solidão da mulher negra, o abandono, destituída da razão e menosprezada pelo patriarcado, reduzida pelas relações de poder e ganância. “ Clara dos Anjos, meio debruçada na janela do seu quarto, olhava as árvores notas, mergulhadas na sombra da noite, e contemplava o céu profundamente estrelado. Esperava” (BARRETO, 2011, p.29). Esperar por Cassi era rotina para Clara. Em sua janela, suspirava, olhava para lua e sonhava com seu amor que não voltava e não havia de voltar. Cassi representa a burguesia, a classe dominante, detentora de poderes sociais e econômicos, que utiliza o discurso sedutor como mecanismo para controlar socialmente e psicologicamente a classe dominada, as minorias em geral.

Marramaque foi assassinado, espancado até a morte por defender sua afilhada das investidas de Cassi, que contratou malfeitores para matar aquele que estava sendo um obstáculo para sua conquista. Marramaque morreu lutando por justiça. Quando soube do ocorrido, Clara desconfiou que Cassi pudesse estar envolvido nesse assassinato, mas em razão de sua paixão pelo amado, e o medo das consequências que poderiam ocasionar aquela situação, ela poderia ser a cúmplice daquele ato. Sua relação com Cassi era de dependência

emocional e opressão, ela se sentia aprisionada por seus sentimentos e não conseguia enxergar além. Para Clara, Cassi era a sua salvação.

A sua débil inteligência, a sua falta de experiência e conhecimento da vida aliado tudo isto à forte inclinação que tinha e não sopitava pelo violeiro, agiram de sobre sua consciência, de forma inocente, a seus olhos, o tocador de violão, no caso da morte misteriosa do padrinho (BARRETO, 2011, p. 131).

A exploração a raça negra, no Brasil, teve início na colonização portuguesa, foram séculos de sofrimento, humilhação, tortura física e psicológica, suas vozes foram silenciadas, seus direitos usurpados, sangraram a sua pele, e negaram a sua alma, pois para os exploradores, os negros não tinham alma, e nem eram considerados “gente”. As relações de poder e opressão estiveram presente nesses 388 anos de escravidão, e perduraram nas outras formas de escravidão e sexismo, pois o lugar da mulher negra continuou a ser de servidão/subserviência, já que, em sua maioria, elas realizavam trabalhos domésticos ou manuais, sempre servindo ao homem, o seu senhor. A sua inteligência era considerada limitada, não sabiam a diferença de pensar e refletir, pois não conheciam o conceito de liberdade. As suas vivências e dilemas eram insignificantes. Eram tratadas como objeto, sem valor, subjugadas como raça inferior. Para o dominado, dor e sofrimento eram seu lugar de fala, e a salvação para esses conflitos era inserir-se na elite, na sociedade hegemônica, aderindo aos seus costumes, frequentando os mesmos lugares e tendo relações de amizade. Política e socialmente falando, esse conceito de branqueamento é a forma de aniquilar os valores considerados inferiores, “internalizando” os valores eurocêtricos.

Para Clara, manter um relacionamento com Cassi, casar-se e constituir família, era um mecanismo de defesa, e de certa forma, mesmo que inconscientemente, uma ideologia de branqueamento, à medida que, casando com um homem branco, classe média, suas relações se transformariam, e a sociedade passaria a vê-la com outros olhos.

Conforme Skidmore:

A tese do branqueamento baseia-se na presunção da superioridade branca às vezes pelo uso dos eufemismos raças “mais adiantadas” e “menos adiantadas” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. (SKIDMORE, 1976, p.81).

Na sequência do enredo, os dias foram passando, o ato foi consumado, e Cassi conseguiu o seu objetivo, reduzir a Clara em objeto sexual, explorando-a, corpo e alma. “Em casa e fora, ainda ninguém suspeitava. Os sintomas de gravidez por ora não se faziam sentir.

É verdade que tinha náuseas, enjoos, sem causa e sem motivo; mas ela dissimulava-os tão bem, que sua mãe nada percebia”. (BARRETO, 2011, p.132). Clara estava grávida e sozinha, não tinha notícias concretas de Cassi, disseram ele tinha viajado, cansada de esperar, ela começou a refletir e entender o seu lugar de mulher negra e como a sociedade a enxergava. “Assassinar” aquele filho seria como tentar apagar a marca da exploração de corpos violentados enraizados em sua ancestralidade, mas sua conversa com Dona Margarida, mulher forte e piedosa, a fez desistir (mesmo de forma autoritária) da ideia de tirar o filho que estava em seu ventre, o filho do homem que a desgraçou.

Logo em seguida Clara contou a sua mãe sobre o ocorrido, Dona Engrácia não conteve as lágrimas, pois sabia as consequências que aquela situação lhes traria. “A filha aproximou-se chorando; ajoelhou-se, juntou as mãos, em postura de oração, aos pés da mãe e, soluçando, repetiu: –Me perdoe, mamãe! Me perdoe, pelo amor de Deus! ” (BARRETO, 2011, p.142)

Dona Engrácia logo quis saber onde Cassi morava, com a intenção de ir até sua casa e fazê-lo casar-se com sua filha e desfazer o mal que ele havia plantado. Chegando em sua residência, foi recebida pela Dona Salustiana, Engrácia narrou o ocorrido e a mãe de Cassi com insensibilidade e preconceito falou: “que é que a senhora quer que eu faça?” Dona Salustiana, porém, jamais aceitaria casar seu filho com uma negra, marginalizada pela sociedade, vista como diferente, reflexo de uma época em que o racismo não era crime, onde as pessoas podiam humilhar, menosprezar, sem sofrer nenhuma represália, tendo ao seu favor as leis, e o poder socioeconômico.

Na rua, Clara pensou tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. (BARRETO, 2011, p. 46)

O poder político sempre esteve nas mãos da classe dominante, o racismo estrutural que encontramos na personagem Clara dos Anjos, entendemos não como o sujeito em si, culpabilizando-o, mas como uma bagagem histórica, escravocrata, que vem do colonialismo e perpassa para os séculos seguintes, essa “herança” presente em Clara, mulher negra, pobre, suburbana, seduzida e abandonada por Cassi Jones, que representa a opressão/perversão sofrida pelos senhores de engenho no colonialismo, em contrapartida Cassi Jones representa o estrato dominante, com seus discursos apaixonantes e mentirosos. Conforme Almeida, “pode-

se inferir que o racismo, sob a perspectiva estrutural pode ser desdobrado em processo político e processo histórico” (ALMEIDA, 2019, p. 35).

4. Considerações finais

Percebemos que, na obra *Clara dos Anjos*, Lima Barreto descreve a personagem-título como uma moça inexperiente e inocente. Em consequência da redoma e cuidados em que foi criada, ela não conhecia o mundo real, com suas frustrações, desigualdade e preconceitos. Sua pouca experiência a impedia de entender como a classe dominante a enxergava.

O racismo estrutural, no qual ela estava inserida, só foi atingi-la, de fato, quando suas projeções de amor romântico foram violentadas pela desigualdade social e pelo consequente abandono do seu amado. Foi então que ela entendeu o seu lugar no mundo, de onde ela veio, suas raízes, situadas onde seus ancestrais, há séculos, foram aprisionadas e tiveram seus direitos renegados e seus corpos assassinados. Ao longo da narrativa, Barreto evidencia o lugar social das vítimas de Cassi, numa alegoria da exploração étnico-social, cujas raízes são coloniais. O neocolonialismo, segundo ALMEIDA (2019), fundamenta-se na ideia de caracterizar a raça negra como seres inferiores e subdesenvolvidos. O racismo estrutural é o resultado da exploração de corpos negros, que foram silenciadas desde a escravidão.

Entendemos que Clara representa a segregação de mulheres negras. Esta separação vai além do distanciamento físico imposto pelo capitalismo, onde as minorias moram em subúrbios, lugares sem saneamento, enquanto a classe dominante “burguesia”, mora nos centros/capitais com moradias confortáveis e saneamento básico. Este distanciamento, segundo Almeida, podemos chamar de racismo estrutural, onde a desigualdade, é consequência de uma sociedade racista, resultado de sua própria “estrutura”.

Segundo Almeida, o racismo institucional é conceituado a partir de processos, sendo assim o resultado de como a sociedade e o Estado se relacionam entre si, utilizando de vários mecanismos físicos e psicológicos para alcançar tais interesses. Tendo em vista que os interesses políticos e econômicos estão nas mãos da hegemonia branca, evidentemente, as práticas sociais serão resultado de conflitos internos e externos, entre a raça negra e classe dominante, e estas relações desiguais e racistas (de poder e ganância), que percebemos em *Clara dos Anjos*, entendemos como racismo estrutural.

A partir do conceito de alegoria, analisamos as relações e comportamentos que encontramos na narrativa Clara dos Anjos, e estabelecemos relações entre os aspectos particulares (individuais) e os coletivos (sociais) presentes na obra. Assim, todos os conflitos que a personagem central atravessou, iniciando com a sedução de um homem branco, e consequente abandono, pertencem à dimensão do particular e individual. Porém, a representação social trouxe o aspecto coletivo, evidenciando a luta de classes, na medida em que a personagem Cassi Jones representa a burguesia, historicamente dominadora e que utilizava de atos violentos e ações opressivas para alcançar os seus propósitos. Clara representa as minorias em geral, historicamente explorada, oprimida, cujos direitos foram (são) negados ao longo de séculos, em que as oportunidades eram (são) desiguais: mulheres negras e pobres, em sua maioria realizavam trabalhos manuais e domésticos, moravam em subúrbios, lugares sujos e distantes, esta realidade é reflexo de uma sociedade racista, sexista, no sistema capitalista.

Nesta perspectiva, Lima Barreto teve grande importância na literatura brasileira, pois contribuiu em suas obras com temáticas que abordavam o Brasil real, após a Abolição, sem máscaras, e sem falsos idealismos, através de sua linguagem coloquial.

A crítica social presente em seus textos denuncia o racismo, a segregação entre as classes e a hegemonia branca sobre a raça negra. O seu principal objetivo era expor, de forma realista e irônica, a hipocrisia de um Brasil racista e capitalista.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Polén, 2019.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2011.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 53. ed. São Paulo: Cultrix, 2021.

BOSI, Alfredo. **Pré-Modernismo**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2006.

CARVALHO, Nilce Camila de; Pires, Ricardo Sorgon. Reflexões acerca do intelectual negro em Clara dos Anjos: O diálogo entre Lima Barreto e seu personagem Leonardo Flores. In: **Recorte – revista eletrônica**, v.11, n.1, jan/jun. 2014. Disponível em: <http://periodicos.unincor>

.br/index.php/recorte/article/view/1217. Acesso em: 02 de jun. 2022.

HOOKS, Bell. **Eu não sou uma mulher?** :Mulheres negras e feminismo. 4.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento Feminista Hoje:** perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro. 1. ed. Bazar do tempo, 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro:** formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

KOTHE, Flávio R. **O herói.** 2.ed. São Paulo: Ática, 2000.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco:** Raça e nacionalidade no Pensamento Brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VIANA, Rubiana Nascimento. Raça, gênero e classe na perspectiva de bellhooks. **Revista Sociedade e Cultura**, v. 24, e66604, 2021. DOI: 105216/sec.v24.e66604. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/66604>. Acesso em: 09 de maio. 2022.